

Do lar às páginas do jornal: educação, casamento e maternidade como estratégias emancipatórias em *O Jornal das Senhoras* (1852), por Juana Manso

*From home to newspaper pages: education, marriage, and maternity as emancipation strategies in *O Jornal das Senhoras* (1852) by Juana Manso*

Maraysa Araújo Silva,¹ UFRN

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar as estratégias argumentativas articuladas por Juana Manso no artigo *Emancipação moral da mulher*, publicado em *O Jornal das Senhoras* (1852), em face da circulação de suas ideias emancipatórias. Nesse sentido, identifica-se que tal proposta emancipatória foi importada e adaptada ao periódico brasileiro, com base na instrumentalização dos papéis de mãe e de esposa. Verifica-se, assim, que, em vez de propor uma ruptura incisiva, Manso lançou mão de estratégias discursivas conciliadoras. Para tanto, argumentou em favor da educação feminina, recorrendo a espaços tradicionalmente designados à mulher, tais como o lar, o casamento e a maternidade. Dialogando com ideias transnacionais, a emancipação defendida no texto configurava-se como pré-requisito para o aprimoramento da nação brasileira, e não como um fim individual.

Palavras-chave: Imprensa oitocentista; *O Jornal das Senhoras*; Juana Manso; Emancipação das mulheres; Estratégias argumentativas.

Abstract

This study aims to examine the argumentative strategies articulated by Juana Manso in the article *Emancipação moral da mulher*, published in *O Jornal das Senhoras* (1852), in light of the circulation of her emancipatory ideas. In this regard, it identifies how such emancipatory proposals were imported and adapted to the Brazilian periodical, based on the instrumentalization of the roles of mother and wife. It is verified, therefore, that instead of proposing an incisive rupture, Manso employed conciliatory discursive strategies. To this end, she argued in favor of women's education by appealing to spaces traditionally designated to women, such as the home, marriage, and motherhood. Dialoguing with transnational ideas, the emancipation defended in the text was conceived as a prerequisite for the improvement of the Brazilian nation, rather than as an individual end.

Keywords: Nineteenth-century press; *O Jornal das Senhoras*; Juana Manso; Women's emancipation; Argumentative strategies.

Introdução

Em meados do século XIX, a imprensa foi um importante meio de circulação e negociação de ideias transnacionais. Na imprensa brasileira carioca, destaca-se, de modo particular, o pioneirismo de Juana Manso (1819-1875), fundadora e redatora de *O Jornal das*

¹ Doutoranda e Mestre em Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). E-mail: maraysa.araujo.700@ufrn.edu.br

Senhoras (1852). Sendo principalmente direcionadas às mulheres brancas e elitizadas, que compunham um restrito círculo de leitores, as publicações do periódico buscaram, sobretudo, propagar ideias a respeito da injusta condição feminina e sua necessidade de emancipação. Cumpre sublinhar que o leitor pretendido do jornal também incluía homens, buscando seu apoio à causa da emancipação (Duarte, 2025).

Na contemporaneidade, os estudos que focalizaram o tema da emancipação em *O Jornal das Senhoras* (1852) apontaram que as publicações de Juana Manso reproduziram, essencialmente, os papéis de esposa e mãe socialmente atribuídos à mulher branca oitocentista. De acordo com Vasconcellos (1999), os artigos publicados por Manso, no jornal, não possuíam valor de manifesto, uma vez que buscavam qualificar a mulher exclusivamente para o desempenho de papéis tradicionais, em lugar de suscitar mudanças substanciais em sua condição. Além de fornecerem modelos de comportamentos femininos, Lima (2012) e Sales (2019) reconheceram que tais escritos defenderam a educação da elite feminina como base para o progresso da nação brasileira.

Conforme constatou Souto (2019), o discurso moderado e conservador, estrategicamente adotado pela redatora, contribuiu para a conquista de um público leitor e para a circulação e manutenção do jornal durante um período de quatro anos. Com efeito, se um discurso moderado já provocava considerável polêmica, um discurso de completa ruptura, denunciando a opressão das mulheres, seria, inequivocamente, rechaçado pelo público leitor. Apesar da recorrência de temas como maternidade e casamento nas edições do jornal em questão, Medeiros (2022) defende que os argumentos articulados por sua redatora não eram convencionais, justamente por partirem da singular perspectiva de uma escritora, jornalista e educadora. Ainda conforme Medeiros (2022), o jornal se situava em um contexto embrionário das lutas feministas.

Com base nesse levantamento, observa-se que trabalhos anteriores discutiram, a partir de diferentes perspectivas, o tema emancipação da mulher nos textos publicados por Juana Manso. Identifica-se, contudo, a ausência de uma sistematização dos recursos mobilizados pela redatora em sua argumentação, tendo em vista a circulação transnacional de ideias no contexto cultural oitocentista (Abreu; Mollier, 2016). Diante disso, o presente trabalho consiste em uma proposta preambular de um empreendimento mais amplo que visa ao enfrentamento da seguinte questão: quais foram as estratégias argumentativas articuladas por Manso em favor da emancipação moral da mulher na imprensa brasileira? Como ponto de partida para responder a tal questão, o objetivo deste artigo é verificar as estratégias

argumentativas articuladas por Juana Manso no texto *Emancipação moral da mulher* (1852), em face às condições e dinâmicas de circulação de ideias da cultura oitocentista.

Percurso metodológico: da materialidade do impresso à circulação de ideias

Nesta seção, explicita-se o percurso metodológico que viabilizou a categorização das estratégias argumentativas articuladas por Manso em defesa de seus ideais emancipatórios. Para tal categorização, recorreu-se à técnica de análise categorial de conteúdo (Bardin, 2011), que compreendeu as etapas de: pré-análise; exploração do material; e tratamento e interpretação dos resultados. Na etapa de pré-análise, aplicaram-se procedimentos relacionados ao planejamento do estudo, envolvendo a escolha do material, a leitura flutuante, a formulação do objetivo e a definição das categorias indicadoras pertinentes. Para a escolha do material, tendo em vista a problematização exposta na seção anterior, considerou-se a análise de textos jornalísticos publicados por Manso em *O Jornal das Senhoras* (1852).

Considerando essa delimitação, realizou-se uma busca por meio da palavra-chave “emancipação moral da mulher”, no acervo digitalizado de *O Jornal das Senhoras* (RJ) – 1852-1855, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Os resultados retornados compreenderam nove ocorrências contendo a frase exata entre aspas. Desse total de ocorrências, observou-se a presença da palavra-chave em cinco títulos de artigos. A partir disso, levou-se em consideração a particular relevância desses textos, visto que sugerem a centralidade do tema da emancipação moral da mulher, devendo, assim, apresentar recursos argumentativos a esse respeito.

Do conjunto de cinco textos considerados como pertinentes, selecionou-se a primeira ocorrência, que correspondeu ao artigo *Emancipação moral da mulher* (1852), publicado no segundo número do jornal, entre as páginas 12 e 14. Com esse material, realizou-se um estudo de caso das estratégias argumentativas articuladas por Manso no jornal. Em trabalhos posteriores, pretende-se analisar os demais textos encontrados, de modo a contribuir com uma sistematização mais ampla das estratégias mobilizadas pela redatora na imprensa brasileira.

Ainda na pré-análise, procedeu-se à leitura flutuante do material, que orientou a definição de quais categorias de indicadores seriam significativas à análise. Tais categorias corresponderam a estratégias particulares de argumentação, podendo também serem referidas como estratégias discursivo-argumentativas, recursos retórico-argumentativos, técnicas argumentativas, tipos de argumentos, dentre outros termos. Conforme já indicado, essas

estratégias devem ser articuladas como argumentos em defesa especialmente do direito à emancipação moral da mulher.

Na etapa de exploração do material, desenvolveram-se os seguintes procedimentos de análise: codificação, em que se segmentou o material em unidades menores (períodos); e categorização, em que se agruparam as unidades conforme o compartilhamento da característica comum de mobilizarem uma mesma estratégia argumentativa no texto. Nos mencionados procedimentos, concebeu-se, então, a noção de estratégias argumentativas como “raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese” (Fiorin, 2018, p. 19).

O material selecionado se organiza em 129 linhas, que passam a ser notadas pela letra ‘L’ seguida de um algarismo que respeita sua ordenação. Assim, L1 identifica a primeira linha, L2 identifica a segunda e assim por diante. À vista disso, os agrupamentos de períodos correspondentes às diferentes categorias de estratégias verificadas se encontram situados em intervalos de linhas maiores. A título de exemplo, a primeira categoria encontrada, isto é, a estratégia de indagação, encontra-se no agrupamento de períodos entre as linhas L1 e L2.

Simultaneamente a essa etapa, realizou-se o tratamento e a interpretação dos resultados obtidos. No processo de tratamento, organizaram-se os resultados em parágrafos. Na interpretação, recorreu-se às contribuições teóricas da História Transnacional e da História Cultural, envolvendo a produção e a circulação de ideias no século XIX. Com base nessa historiografia, observou-se as transformações sociais pelas quais passavam a sociedade brasileira, com especial atenção à condição das mulheres e aos discursos que buscaram prescrever seus papéis sociais. Desse modo, pode-se compreender de maneira mais sistemática quais ideias transnacionais foram adaptadas ao periódico brasileiro.

A emancipação da mulher em movimento: circulação transnacional de ideias e transferências culturais

Buscando compreender as dinâmicas culturais que envolveram a produção e a circulação transnacional do conceito de emancipação das mulheres, propõem-se aproximações e cruzamentos entre os campos da História Transnacional e da História Cultural. No campo da historiografia transnacional, suscitam particular interesse os processos de trocas, movimentos e conexões entre sujeitos e ideias através de múltiplos eixos geoculturais. Sob esse prisma, estudos recentes enfatizam a acelerada circulação de ideias e trocas culturais no período compreendido entre o final do século XVIII e o século XIX (Abreu; Mollier, 2016). Trata-se

de uma época marcada pela progressiva integração do mercado mundial, por um conjunto de transformações técnicas – vinculado à ampliação dos meios de transporte e de comunicação – e pelo desenvolvimento das concentrações urbanas. Para além dessas mudanças em escala global, desenvolvia-se, nas Américas, a formação de Estados independentes e, com isso, uma busca incessante por forjar identidades nacionais.

Em um cenário de expressiva movimentação de sujeitos e ideias, as conexões culturais se materializaram para além dos limites nacionais, de modo que as fronteiras não impossibilitaram o “trânsito de livros, revistas, espetáculos e impressos em geral” (Abreu; Mollier, 2016, p. 11). Diante disso, o conceito de circulação se revela como uma categoria pertinente, uma vez que compreende as condições de deslocamento e troca de objetos culturais em escala transnacional. Tal categoria pode ser adequadamente articulada à noção de transferências culturais.

No âmbito da História Cultural, o conceito de transferências culturais remete a “interações complexas entre vários polos, diversas áreas linguísticas” (Espagne, 2017, p. 139). Essa perspectiva compreende, portanto, “uma concepção de movimento e de circulação de objetos, populações, indivíduos, ideias, crenças entre dois ou mais espaços culturais” (Rodrigues, 2010, p. 207). Metodologicamente, importa observar essas interações tanto no nível textual (a materialidade da obra) quanto no nível supratextual (as circunstâncias de produção e circulação), conforme sugere Xavier (2016).

No que concerne às mencionadas circunstâncias, a imprensa destacava-se como principal meio de produção e difusão de posicionamentos políticos, sociais, culturais e literários no espaço brasileiro, em meados do século XIX. Nas páginas dos jornais, mobilizou-se a palavra impressa como um instrumento de disputa, veículo por meio do qual se exprimiam e se defendiam, publicamente, determinados discursos e ideias (Luca, 2023). Ao veicular especialmente os interesses da elite letrada, esses periódicos atuaram na modelagem da vida social brasileira, normatizando condutas para a recém-fundada nação.

Em meio a essas dinâmicas de disputas simbólicas, inaugurava-se, progressivamente, a chamada imprensa feminina brasileira (Duarte, 2023). Um significativo marco dessa imprensa consistiu na fundação de *O Jornal das Senhoras* (1852), sob a redação de Juana Manso. Em suas publicações, a redatora criticou a submissão das mulheres e reivindicou a ampliação de seus direitos, tais como o direito à educação.

Tais reivindicações dialogavam com um cenário transnacional marcado por uma crescente presença feminina na imprensa. Nos Estados Unidos, Margaret Fuller se tornava

uma das primeiras mulheres redatoras ao atuar no jornal *The Dial* (1840-1842) e, posteriormente, atuou como editora literária do *New-York Tribune* (1844-1846) (Velleman; Belletti, 2022). Nesse cenário, Fuller debateu sobre os direitos das mulheres, com a publicação de *Woman in the Nineteenth Century* (1845). Ainda nesse espaço cultural, publicava-se a *Declaration of Sentiments* (1848), fruto de uma importante convenção ocorrida em Seneca Falls. Em tal declaração, as pioneiras do feminismo estadunidense utilizaram a metáfora da escravidão em comparação a opressão à qual as mulheres brancas estavam submetidas.

Direcionando o olhar para as dinâmicas culturais do sul das Américas, nota-se a presença e a circulação de textos fundamentais sobre os direitos das mulheres nesse espaço. No Brasil, conforme aponta Campoi (2011), dentre esses escritos que tratavam do papel social feminino, circularam obras como *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft, e *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), de Nísia Floresta (1989). Identificou-se também, segundo Sales (2020), a difusão do pensamento de Madame de Staël, notadamente em seu relato de viagem *De l'Allemagne* (1814), obra que reuniu significativas reflexões de cunho filosófico, político, literário e feminista. Diante desse trânsito de obras, verifica-se que a luta pela emancipação das mulheres brasileiras – empreendida em *O Jornal das Senhoras* (1852) – insere-se em uma rede de reivindicações mais ampla, caracterizada com trocas transnacionais a respeito dos ideais de igualdade entre os gêneros.

O discurso emancipatório, contudo, confrontava-se com as narrativas hegemônicas globais. Dentre as concepções predominantes a respeito da mulher burguesa, observam-se duas vertentes (Martins, 2004). De acordo com a primeira vertente, mesmo pressupondo a inferioridade física e intelectual feminina, considerava-se que a educação era um meio de transformação. Por outro lado, conforme a segunda, a inferioridade feminina constituía uma “deficiência”, que representava uma ameaça à integridade masculina. Ao se apropriarem e adaptarem essas concepções, intelectuais e médicos buscaram “civilizar” a sociedade brasileira por meio do discurso higienista e da ideologia maternalista. Nesse projeto civilizatório, cabia à mulher a missão de formar cidadãos morais, o que legitimava uma instrução limitada aos ofícios domésticos e reforçava a tese da inferioridade biológica, para interditar seu acesso à esfera pública e às carreiras intelectuais.

Considerando o mencionado quadro de narrativas dominantes, observa-se que a intelectual Juana Manso mobilizou diversos recursos retóricos nas páginas de *O Jornal das*

Senhoras (1852), a fim de legitimar sua voz no espaço da imprensa, negociando com as expectativas de seu tempo sem renunciar ao seu projeto feminista. Para compreender a tessitura de sua argumentação, volta-se o olhar para a materialidade do texto, no intuito de verificar quais foram as estratégias argumentativas articuladas pela autora em defesa dos direitos das mulheres no artigo *Emancipação moral da mulher* (1852).

Do lar às páginas do jornal: estratégias argumentativas em *Emancipação moral da mulher* (1852)

A defesa da instrução feminina em *O Jornal das Senhoras* (1852) não era um fim em si mesma, mas um meio de disputa. Alinhada à noção de que a educação ampliaria os horizontes das mulheres, contribuindo para sua independência econômica e melhoramento social (Hahner, 2003), Manso articulou variadas estratégias argumentativas que justificassem tal reivindicação. Buscando compreender esses movimentos discursivos, analisa-se o artigo *Emancipação moral da mulher*, publicado no mencionado jornal. Nesse texto, a autora sustenta a tese de que a emancipação moral feminina legitimava instâncias fundamentais de sua vida social, vinculando o aprimoramento individual da mulher ao fortalecimento da família e, conseqüentemente, ao progresso da nação.

Na introdução do artigo, pressupondo a polêmica que envolvia o tema da emancipação, a autora recorre à estratégia de indagação (L1-L2), conforme evidenciado no trecho: “Emancipação moral da mulher – o que vem a ser isto?” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12).² A partir disso, o texto estabelece uma disputa de sentidos, convidando o leitor a reexaminar as definições hegemônicas de emancipação antes mesmo de aderir à sua tese.

Em tal disputa discursiva, Manso lança mão da estratégia de dissociação de noções (L3-L12), que consiste em um meio para separar “ideias que aparecem em pares hierarquizados: essência e aparência, letra e espírito, figurado e literal” (Fiorin, 2018, p. 193). Desse modo, a autora parte do pressuposto de que a essência do conceito de emancipação estaria sendo distorcida pela aparência do senso comum, que erroneamente a interpreta como sinônimo de revolução. Afastando o leitor dessa possível leitura, o texto defende que, por trás das aparentes ideias de “revolução”, “rebelião” e “delírios de utopistas”, desvela-se sua verdadeira essência: a emancipação entendida como “verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as inteligências, mesmo mediocres” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12).

² A grafia do jornal será mantida nas citações diretas presentes neste artigo.

Dando continuidade à sua articulação retórica, o artigo adota a estratégia de apelo aos valores morais (L13-L14), direcionando-se especialmente aos “homens de boa fé” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12). Esse recurso visa capturar a adesão do público leitor masculino à tese de emancipação das mulheres. Apoiando-se nesses valores morais, o texto reforça sua proposição ao empregar, dessa vez, a estratégia de argumento pragmático (L14-L18). Nessa estratégia, “defende-se uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz” (Fiorin, 2018, p. 165). Desse modo, Manso defende que o progresso da nação depende da emancipação moral da mulher, tornando esse meio (a emancipação) uma exigência indispensável para o alcance daquele fim (o progresso).

Consolidando sua construção argumentativa, a autora mobiliza a estratégia do argumento de autoridade (L17-18), fundamentada na implicação de que a vontade divina é inquestionável. Ao se referir à mulher como “aquella que Deos lhe deo por companheira” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12), o texto aproxima sua proposição a uma espécie de sacralidade religiosa. Com isso, a aceitação da proposição passava a ser uma obrigação condizente com o dever moral e o compromisso cristão.

Quanto à figura da mulher companheira, a autora estabelece uma dissociação (L19-L27) entre os domínios da aparência e da essência. Sob essa ótica, enquanto a aparência vincula a mulher estritamente a misérias e defeitos morais, a essência confere-lhe uma dimensão divina e social, fundamentada na origem da vida e na continuidade do companheirismo. Desse modo, o pressuposto do texto se pauta nas noções de igualdade e reciprocidade, defendidas como necessárias para o pleno cumprimento dos papéis de esposa e de mãe.

De modo a revisitar a questão central do texto, Manso lança mão da estratégia de indagação (L28-L30), reiterando a pergunta: “o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12). Visando atribuir sentido ao referido termo (Fiorin, 2018), a autora emprega a estratégia de definição (L31-L39). Segundo essa acepção, a emancipação se trata do “verdadeiro conhecimento da missão da mulher na sociedade” e do “justo gozo de seus direitos” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12). Emancipar-se consiste, assim, em adquirir consciência de seus deveres, para, posteriormente, reivindicar seus direitos. Essa conquista, no entanto, esbarrava no “brutal egoísmo” do homem, sentimento que impedia a reflexão acerca da utilidade de uma mulher emancipada (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12).

Estimulando uma reflexão a respeito dos benefícios da emancipação para os homens, a redatora recorre à metáfora (L35-L37). Por meio desse recurso retórico, ilustra que “um anjo lhe será mais útil que uma boneca” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12). Com base no fragmento, entende-se que uma mulher dotada de conhecimento moral pode contribuir mais efetivamente com sua família, ao passo que aquela cuja existência se resume ao cultivo das aparências pode terminar reduzida à condição de mero ornamento.

Somado a esse argumento, Manso utiliza o recurso de indagação (L40-L42), para evidenciar uma contradição ideológica que perpassa o século XIX: o descompasso entre o discurso progressista e a opressão das mulheres. Ao questionar a utilidade de se instruir o espírito feminino para, em seguida, desampará-lo “sob as bases do progresso” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 12), o texto coloca o leitor diante de um impasse lógico. Nesse cenário, a manutenção do estado de submissão da mulher revela-se incompatível com as aspirações de modernidade, invalidando, por extensão, o ideal de nação defendido por intelectuais oitocentistas. Como alternativa ao mencionado impasse, a autora condiciona, valendo-se do recurso de causalidade (L52-L55), a emancipação das mulheres a uma mudança na educação dos homens. Como um desdobramento dessa ideia, destaca-se o papel da maternidade na educação dos filhos, fundamentado em leis naturais e princípios morais que regem a conduta humana. Desse modo, a partir de uma relação de causalidade (L56-L61), o texto vincula a função educadora da mãe a uma progressiva conquista de igualdade entre os gêneros. Essa fundamentação é reforçada pela construção retórica do texto, que articula tanto o apelo aos valores morais (L62) – ao dirigir-se aos homens de boa fé – quanto o apelo às emoções (L63-L81), mobilizado por questionamentos acerca da noção de amor.

Conferindo contornos aos mencionados apelos, o texto adota a estratégia de definição (L82-L102) a fim de conceituar o termo amor. Mediante o uso desse recurso retórico, o amor é apresentado de diversas formas, dentre as quais se destacam: um “sentimento unico”, a “chave de todas as virtudes”, a “fuzão misteriosa de duas almas confundidas em uma só” e a “protecção mutua e constante de dous corações irmãos” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Tais definições revelam que o conceito pressupõe uma união moralmente igualitária, sustentada pela reciprocidade naturalmente atribuída ao vínculo fraternal.

Esse vínculo, contudo, mostra-se vulnerável ante a injusta condição à qual estavam submetidas as mulheres. Para ilustrar essa fragilidade, articulam-se estratégias de causalidade e metáfora (L103-L110), as quais evidenciam a incompatibilidade entre a hierarquia de gênero e a sobrevivência do amor. Nessa direção, enquanto a causalidade justifica a

necessidade de igualdade como condição essencial para a união, a metáfora personifica o amor, atribuindo-lhe expressões de natureza humana, conforme aponta o fragmento: “porque ante a superioridade de um dos sexos – o amor – se detinha, desaparece e troca o seu fagueiro riso em uma lágrima silenciosa” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Diante disso, a troca do riso pela lágrima simboliza, metaforicamente, a própria transformação da união em solidão. Reforçando sua tese central, a autora recorre ainda à estratégia de apelo emocional (L111-L116), ao interpelar seus leitores com a seguinte exclamação: “se os homens pudessem compreender todas as amotinações e profundas magoas que depedação o coração da mulher!” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Com esse pedido de empatia, o texto busca validar o sofrimento feminino como um sintoma direto de sua opressão.

Além da conceituação do amor, o artigo mobiliza a estratégia de definição (L117-L128) no intuito de delimitar diferentes significados atribuídos ao matrimônio. Para a mulher, o ideal de casamento representa o “alvo” e o “fim da sua existencia”, dada a relevância conferida à sua missão como esposa e mãe (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Em contrapartida, para grande parte dos homens, o casamento consiste em um “meio de satisfazer um desejo, um capricho ou simplesmente mudar de estado. Ou assegurar sua fortuna” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Essa visão egoísta reflete a desumanização das mulheres, reduzidas a instrumentos de conveniência masculina. De modo a ilustrar tal condição, o texto utiliza a estratégia de comparação (L129-L135), na qual a utilidade da esposa é equiparada à de um animal ou à de um acessório descartável. Com isso, a autora argumenta que o homem dedica à esposa a mesma atenção que dedicaria a objetos quaisquer.

Como reflexo das incertezas do matrimônio, Manso argumenta em favor da instrução das mulheres burguesas, a qual passaria a funcionar como uma espécie de dote simbólico, uma alternativa estratégica diante do contínuo desaparecimento dos dotes no século XIX (Nazzari, 2001). Nesse contexto, a autora emprega a estratégia de causalidade (L136-L142), demonstrando que a ignorância intelectual constitui uma das causas primordiais da sujeição feminina. Privada do acesso à educação, a mulher se tornava “vítima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidez!” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13), de modo que sua ignorância servia de pretexto para estigmatizá-la como moralmente incapaz. Esse estigma se reforça por indagações retóricas (L143-151), que denunciam a reprovação de qualquer conduta feminina e a consequente negação de seu direito à razão.

Para além da instrução, outro fator que condiciona a emancipação feminina é o acesso ao trabalho, cuja negação reitera a submissão da mulher à esfera doméstica. Por meio da

estratégia de causalidade (L152-L159) o texto demonstra que, no Brasil, a submissão feminina decorre, entre outros fatores, da ausência de perspectivas profissionais, visto que “todas as carreiras industriaes estão lhe vedadas” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 13). Ao recorrer à estratégia de comparação (L160-L166), o texto estabelece um contraste entre a situação das Américas e o progresso da Europa e dos Estados Unidos, contextos nos quais o exercício de diversas profissões já constituía uma realidade entre as mulheres.

Dando sequência à análise, identifica-se uma estratégia de concessão (L167-L175) caracterizada pelo reconhecimento da figura masculina como chefe da família, sem, contudo, anular o poder da figura feminina. A esse respeito, o texto argumenta que é “desde o seio de sua familia que ella pode ter uma influencia directa, sobre essa mesma familia, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 14). Paralelamente a essa concessão, explicita-se, por meio de exemplificação (L176-188), o papel moral e regenerador desempenhado pela mulher burguesa, fundamentado nos ideais de amor e maternidade (Martins, 2004). Nos limites do lar, essa influência se concretiza tanto na instrução dos filhos quanto no suporte emocional oferecido ao esposo. A figura feminina assume, portanto, a função de formar indivíduos sob os princípios higiênicos e econômicos fundamentais à consolidação da nação brasileira.

De forma direcionada ao público masculino, o texto articula a estratégia de apelo à ignorância (L189-L201). A autora interpela os leitores ao sugerir que estes desconhecem o verdadeiro sentido de amor e de família, valendo-se de provocações como “não sabeis o que perdeis” e “vós que não conheceis da familia, se não o nome” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 14). Com isso, a provocação retórica serve para demonstrar que o progresso da família e, por extensão, o progresso da nação dependem invariavelmente da emancipação da mulher.

A fim de delimitar o papel feminino na família, o texto emprega a estratégia de definição (L202-L223). Na condição de mãe, caberia à mulher transmitir valores morais como resignação, paciência e coragem, atuando como a “voz sagrada e imperiosa do dever” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 14). Já no papel de esposa, estaria incumbida de oferecer suporte emocional, aconselhando e consolando o esposo. O exercício desses deveres permitiria à mulher instruída atuar como o “receptaculo das dores e dos prazeres da familia” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 14), metáfora que a consagra como guardiã moral da esfera doméstica. Somada a essa imagem, o texto adota a estratégia de autoridade (L221-L223) ao recorrer a analogias religiosas, tais como “santa e imaculada como a mesma mai do salvador” (*O Jornal das Senhoras*, 1852, n. 2, p. 14), atribuindo à maternidade um caráter

elevado e místico (Badinter, 1985). Tais estratégias retóricas dialogam com os discursos médico e periodístico da época, os quais legitimavam a função feminina de reformar, moralmente, a sociedade (D'Incao, 2004).

Para consolidar seu ponto de vista, Manso articula uma estratégia de causalidade (L224-L299) que projeta a emancipação moral como o desdobramento lógico da fundamentação construída ao longo do artigo. Ao refutar de maneira perspicaz noções do senso comum, a autora mobiliza variados recursos argumentativos para sustentar que o acesso à educação é um requisito indissociável ao progresso e à civilidade de uma nação. Nessa perspectiva, o texto se insere em um debate transnacional que, no século XIX, buscou redefinir o lugar social das mulheres a partir de sua ilustração. Embora o discurso importe ideais liberais de um contexto global, a autora adapta suas reivindicações às particularidades do público da Corte e às limitações materiais de um periódico feminino.

Considerações finais

Nas páginas do jornal, a redatora Juana Manso disputou, discursivamente, a defesa da emancipação moral da mulher, entendida como um processo que envolve tanto a tomada de consciência dos seus papéis sociais quanto a conquista dos direitos para tal. Conforme verificado na seção de análise, verifica-se que a autora recorreu a variadas estratégias argumentativas emancipatórias para sustentar sua tese, adaptando ideias transnacionais ao cenário brasileiro.

A postura defendida no artigo se configurou como uma proposta conciliadora frente aos discursos hegemônicos que legitimavam a inferioridade intelectual e moral feminina. Ao reivindicar a educação, Manso tomou como ponto de partida os espaços tradicionalmente designados à mulher burguesa – o lar, o casamento e a maternidade. Com base no espaço privado, a autora condicionou o desenvolvimento da nação à conquista de direitos femininos.

Por meio de estratégias discursivas conciliadoras, a autora reafirmou o papel do homem como chefe da família e o cumprimento dos chamados deveres naturais pela mulher. O cumprimento de tais deveres, contudo, estava atrelado ao acesso à instrução feminina, entendida como necessária para o aprimoramento dos papéis de esposa e mãe.

Sendo responsável pela educação de seus filhos e pela consolação do homem, a mulher poderia exercer influência moral sobre sua família e, conseqüentemente, sobre sua nação. Possuindo direitos naturais distintos, o homem e a mulher deveriam encontrar no

casamento um laço harmonioso, marcado pela amizade e pela proteção mútua. Na maternidade, a mulher educaria seus filhos de maneira meiga e majestosa.

Se por um lado a autora reforçava discursos hegemônicos ao aceitar as funções da maternidade e do casamento, por outro lado, subvertia a própria lógica de subordinação. Argumentando que a ilustração das mulheres era indispensável para o progresso social, subordinava-se o aprimoramento de tais funções à conquista de direitos femininos, notadamente no campo da educação e do trabalho.

Conforme o texto analisado, para superar esses limites do espaço privado, fazia-se necessário reivindicar a igualdade intelectual entre os gêneros. Ao defender o acesso à instrução feminina, o discurso de Manso sinalizava, de maneira sutil, a possibilidade do exercício de profissões, já que era uma prática comum na Europa e nos Estados Unidos. Essa reivindicação de igualdade também se expressa em seus convites à colaboração de leitoras com o jornal, encorajando, desse modo, um perspicaz movimento do lar às páginas dos impressos.

Diante de um cenário conservador, Juana Manso agitou um significativo debate, fruto de uma complexa negociação retórica por meio da qual adaptou ideias transnacionais relacionadas à emancipação feminina ao cenário brasileiro. A redatora buscou, assim, conscientizar as mulheres a respeito de seus direitos e deveres, e, sobretudo, despertar o interesse para o seu potencial intelectual. Dada a expressiva quantidade de publicações a esse respeito, espera-se, em trabalhos futuros, compreender, de forma mais ampla, a argumentação tecida por Manso em variados jornais brasileiros.

Fontes

Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 12-14, 11 jan. 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/700096/9>. Acesso em: 8 dez. 2025.

Referências

ABREU, Márcia. MOLLIER, Jean-Yves. Nota introdutória. In: ABREU, Márcia. (org.). **Romances em Movimento**: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 9-13.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 196-213, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>.

COSTA, Adriane Vidal; PALTÍ, Elías J. (org.). **História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 259-279.

Declaration of Sentiments. In: **Report of the Woman's Rights Convention, held at Seneca Falls, New York, July 19th and 20th**. Rochester: Printed by John Dick at the North Star Office, 1848, p. 7-12. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.rbc/rbcmil.scrp4006702>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DUARTE, Constância Lima (org.). **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DUARTE, Constância Lima. Imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX: press and emancipation of women in Brazil in the 19th century. **Caminhos da História**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 70–79, 2025. DOI: <https://doi.org/10.46551/issn.2317-0875v30n1p.70-79>.

ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. Tradução de Dirceu Magri. **Jangada crítica**, v. 5, n. 1, p. 136 - 147, jan./jun., 2017. DOI: <https://doi.org/10.35921/jangada.v5i1.568>.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FULLER, Margaret. **Woman in the Nineteenth Century**. New York: GREELEY & McELRATH, 1845. Disponível em: <https://archive.org/details/womaninnineteent1845full>. Acesso em: 19 jan. 2026.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Tradução de Eliane Tejera Lisboa. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LIMA, Joelma Varao. **O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico**: mulher, educação, maternidade e corpo - (Rio de Janeiro na segunda metade do Século XIX). 2012. 191 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2023.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MEDEIROS, Luma Virgínia de Souza. “**Mas afinal, o que vem a ser a mulher?**”: representação da mulher oitocentista e formação da leitora no Jornal das Senhoras. 2022. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

RODRIGUES, Helenice. Transferência de saberes: modalidades e possibilidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 53, p. 203-225, jul./dez., 2010. DOI: <https://doi.org/10.5380/his.v0i53.24122>.

SALES, Carla da Silva de. **A imprensa que educa**: O Jornal das Senhoras e a formação moral e intelectual feminina (1852-1855). 2019. 113 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SALES, Francisco Gesival Gurgel de. **A escritura que se faz com o outro**: diálogo e transferências culturais de Machado de Assis com a obra de Madame de Staël. 2020. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. **Mulheres e ideias impressas**: projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855). 2019. 320f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

STAËL-HOLSTEIN, Mme La Baronne de. **De l'Allemagne**. 2. ed. Paris: H. Nicolle: Mame Frères, 1814, v. 1. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9676861h>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. *In*: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 228-232.

VELLEMAN, Barry; BELLETTI, Karina Paola. Dos plantas que no se pudieron aclimatar en las Américas: Juana Manso (1819-1875) y Margaret Fuller (1810-1850). **Cuarenta Naipes**, ano 4, n. 7, p. 68-92, 2022.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**: with strictures on political and moral. Londres: J. Johnson, 1792. Disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_a-vindication-of-the-rig_wollstonecraft-mary_1792. Acesso em: 19 jan. 2026.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Romance brasileiro em tradução alemã: O Guarany e Innocencia, produto nacional e best-seller no longo século XIX. *In*: ABREU, Márcia. (org.). **Romances em Movimento**: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 159-188.